

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

VALENTINA BEZERRA DE SOUZA

**Ciberespaço e a formação do *self*: exposição de adolescentes no  
*Facebook***

MACEIÓ – AL  
2021

**VALENTINA BEZERRA DE SOUZA**

**Ciberespaço e a formação do *self*: exposição de adolescentes no  
*Facebook***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicologia, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Sheyla C. S. Fernandes.

MACEIÓ – AL

2021

VALENTINA BEZERRA DE SOUZA

Ciberespaço e a formação do *self*: exposição de adolescentes no  
*Facebook*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
Universidade Federal de Alagoas - UFAL, como  
parte das exigências para a obtenção do título de  
Bacharel em Psicologia.

Local, de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**Banca examinadora:**

---

Profa. Dra. Sheyla C. S. Fernandes  
Orientadora

---

Prof. Dr. Leogildo Alves Freires

Avaliador

# CIBERESPAÇO E A FORMAÇÃO DO *SELF*: EXPOSIÇÃO DE ADOLESCENTES NO *FACEBOOK*

Valentina Bezerra de Souza

## RESUMO

Em decorrência do avanço tecnológico nos últimos anos, a comunicação presencial tem cedido lugar para o ciberespaço diante da adesão crescente às redes sociais virtuais, sendo o *Facebook* a rede social mais popular do mundo. Neste contexto de expansão da cultura digital, torna-se relevante analisar as implicações emergentes das práticas que ocorrem no ciberespaço. O objetivo deste artigo é analisar a exposição de adolescentes no *Facebook* e suas implicações para a formação do *self* nessa faixa etária. Foi realizada uma busca nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia Brasil (BVS Psi), seguida por duas análises: a primeira, sobre os dados bibliométricos dos artigos selecionados e a segunda sobre os resultados gerados pelo *software Iramuteq* a partir da criação do corpus textual formado pelos resultados e conclusões dos artigos desta revisão. Os resultados foram apresentados em 3 dimensões: 1) formação do *self* entre usuários adolescentes no *Facebook*; 2) riscos relacionados a exposição no *Facebook* e 3) adolescentes no campo do ciberespaço. A conclusão sugere que as possíveis implicações da exposição do adolescente no ciberespaço são processos circulados por muitas variáveis, com maior ou menor conexão que impactam o *self* a partir de elementos como: economia do investimento interpessoal, tempo prolongado no ciberespaço, novas possibilidades de interação, participação e criação de modelos de identificação através de grupos, excesso de informação e conteúdo.

**Palavras-chave:** Redes sociais; Adolescência; Exposição; *Facebook*

## ABSTRACT

As a result of technological advances in recent years, face-to-face communication has given way to cyberspace due to the growing adherence to virtual social networks, with Facebook being the most popular social network in the world. In this context of expanding digital culture, it becomes relevant to analyze the implications emerging from the practices that occur in cyberspace. The aim of this article is to analyze the exposure of adolescents on Facebook and its implications for the formation of the self in this age group. A search in the Scientific Electronic Library Online (SciELO), Psychology Electronic Periodicals (PePSIC) and Virtual Health Library Psychology Brazil (BVS Psi) databases was carried out, followed by two analyses: the first on the bibliometric data of the selected articles and the second on the results generated by the Iramuteq software from the creation of the text corpus formed by the results and conclusions of the articles of this review. The results were presented in 3 dimensions: 1) formation of the self among adolescent users in Facebook; 2) risks related to exposure in Facebook and 3) adolescents in the cyberspace field. The conclusion suggests that the possible implications of adolescent exposure in cyberspace are processes circulated by many variables, with more or less connection that impact the self from elements such as: economy of interpersonal investment, prolonged time in cyberspace, new possibilities of interaction, participation and creation of identification models through groups, excess of information and content.

**Keywords:** Social networking; Adolescence; Exposure; *Facebook*

## 1. INTRODUÇÃO

Com o advento das redes sociais virtuais em decorrência do avanço tecnológico crescente nos últimos anos, a proposta de uma comunicação mais rápida ultrapassando barreiras como a distância geográfica, superou os limites da comunicação presencial e abriu novos horizontes, ganhando cada vez mais destaque e admiradores (ARAÚJO, 2012).

Um dos marcadores crescentes nesse contexto foi a rede social *Facebook*, que surgiu em 2004 através da parceria de Mark Zuckerberg com alguns colegas na universidade de *Havard* nos Estados Unidos. Criada inicialmente para atender as demandas dos alunos da universidade e permitir o compartilhamento de acontecimentos internos e acesso a informações associadas aos alunos do campus, ultrapassou as expectativas iniciais quando sua notícia alcançou grandes projeções, primeiro em universidades dos arredores e depois superando fronteiras, tornando-se assim um fenômeno global (KIRKPATRICK, 2011).

Em 2007, apenas nos Estados Unidos, a rede contava com 42 milhões de internautas dando um salto para 103 milhões de usuários em 2010, o que representou um crescimento de mais de 140%. Segundo o Statista (2021) a rede social de Zuckerberg ainda é a mais popular do mundo atualmente com 2,85 bilhões de usuários ativos até o primeiro trimestre de 2021. Uma base de usuários muito superior até mesmo ao *YouTube* e ao *WhatsApp* (TANKOVSKA, 2021).

Estatísticas mais recentes reportam que houve um crescimento nesse número até junho de 2020 no Brasil, atingindo 130 milhões de usuários em território nacional. O que aponta um crescimento comparado com a mesma temporada do ano anterior, em que havia cerca de 127 milhões de perfis na rede, colocando o Brasil como o terceiro principal usuário da rede social no mundo, perdendo apenas para a Índia e para o seu país de origem (VALENTE, 2020). Segundo a mesma fonte, a rede foi a mais acessada no período de quarentena em escala global e mantém-se com o maior número de usuários entre as redes sociais concorrentes, seguida em popularidade e adesão pelo *YouTube* e *Whatsapp*.

De acordo com a TIC Kids Online Brasil (2019), que realiza pesquisa anual gerando evidências sobre o uso da internet por crianças e adolescentes, no último trimestre de 2019, cerca de 24,3 milhões de crianças e adolescentes faziam uso da internet, o que representa 86% do público entre os 9 (nove) e 17 (dezessete) anos, ao tempo que o número dessa audiência com contas ativas no *Facebook* perdia apenas para sua representação no *Whatsapp*. O *Instagram* apareceu como a terceira plataforma mais acessada (CRUZ, 2019).

Segundo Assunção e Matos (2014), o uso do *Facebook* tem recebido particular atenção, pois pode ter implicações no estabelecimento de relações, satisfação e na construção identitária. O

público internauta adolescente pode integrar membros com interesses e ideologias em comum e proporcionar interatividade decorrente da alta probabilidade em encontrar-se com pessoas que compartilhem de interesses em comum. Pode-se pensar desse modo, em modificações no convívio entre as pessoas com as redes sociais *online* tão presentes no cotidiano (LIMA et al., 2012).

A adesão crescente de indivíduos as redes sociais na internet, além de ser um fenômeno contemporâneo, parece intensificar-se a cada dia. E com a inovação das versões dessas redes em aplicativos para *smartphones* e *iphones*, a presença do ciberespaço tende a crescer na vida cotidiana dos seus usuários, o que revela novas propostas e desafios à psicologia conferindo relevância à aproximação e análise desse tema (SANTOS; CYPRIANO, 2014).

Diante do crescimento exponencial do *Facebook* nos últimos anos, tanto no imaginário social dos brasileiros quanto no número de usuários, alguns autores consideram importante pensar os pontos positivos e negativos dessa rede (GOMES; CANIATO, 2016, MARRA E ROSA; SANTOS; CHAGAS-FERREIRA, 2016, PATIAS; SCORTEGANHA; OLIVEIRA, 2017). Dentre os benefícios, a rede destaca-se como ferramenta de entretenimento, trabalho ou estudo, criação de laços e manutenção da comunicação à distância, contribuindo para a aproximação entre culturas (MARRA E ROSA; SANTOS; CHAGAS-FERREIRA, 2016). Por outro lado, há debates em relação aos limites e precauções a ser considerados, destacando-se o tempo que os jovens usuários dedicam à rede, criação de hábitos, além da exposição a uma grande quantidade de informação e propaganda (DIAS et al., 2019).

A adolescência configura-se como um período de transição ou passagem, onde os indivíduos se deparam com questões de identidade e enfrentam grandes mudanças nos âmbitos cognitivos, emocionais e comportamentais a partir da qual, em um breve período de tempo, passarão de cuidados pelos seus responsáveis, a adultos que poderão cuidar-se e oferecer cuidados (ALLEN; LAND, 1999).

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em vigor desde 14 de outubro de 1990, a faixa etária da adolescência compreende a pessoa entre doze (12) e dezoito (18) anos de idade (BRASIL, 1990). Nesse período de descobertas e individuação, os adolescentes são inclinados à autonomia em relação as figuras parentais passando a ter autoria nas tomadas de decisões, distanciando-se daqueles que eram pontos centrais nas suas relações e priorizando as relações com os pares (MEEUS; DEKOVIC, 1995).

Diante das possibilidades de identificação contemporânea surgem fenômenos que ultrapassam as tradições até então vigorantes para o sujeito moderno como a velocidade das comunicações e a liquidez nas relações; movimentos que marcam uma era de novos horizontes para

a formação do *self*. O que permite pensar nas formas de identificação do adolescente atual com um enfoque nas aproximações com o ciberespaço (ASSUNÇÃO; MATOS, 2014).

Em contextos socioculturais concretos, as pessoas compartilham significados que geram conhecimentos e modos de subjetivações (SANTOS; CYPRIANO, 2014), o que se relaciona com o referencial teórico deste trabalho, a Teoria da Auto-categorização (SCT), que busca enfatizar o papel do *self* nos processos das relações intra e intergrupais. Segundo Turner et al. (1987) a pertença a uma categoria é essencial a formação do *self* e pode implicar no comportamento da pessoa e nas suas relações intergrupais. Nele, o indivíduo é determinado por sua idiossincrasia e por sua pertença grupal, o que é refletido no que Turner chama de identidade pessoal e identidade social (REYNOLDS; TURNER, 2006).

Com a cultura da virtualidade presente na vida das pessoas, em especial para os adolescentes, é cada vez maior o tempo que esse público dedica à internet, bem como a quantidade de ferramentas que são colocadas à sua disposição diariamente. Estar conectado à rede passou a ser uma necessidade que auxilia em muito o processo de comunicação, porém é preciso considerar as múltiplas possibilidades nela encontradas e seus impactos na vida de seus usuários (ASSUNÇÃO; MATOS, 2014).

Diante desse cenário onde a relação virtual modifica a dinâmica das relações tradicionais, ancora-se a relevância desse trabalho, considerando a necessidade de investigar quais são as implicações do uso do *Facebook* para a formação do *self* na adolescência, uma vez que nessa fase, o adolescente entra em um momento transitório no qual desenvolve aos poucos seu processo formativo (NEVES et al., 2015).

Considerando o exposto, o presente estudo aceita esse desafio e procura se aproximar dessas implicações elaborando a seguinte pergunta: quais as possíveis implicações da exposição dos adolescentes usuários do *Facebook* na formação do *self*? O objetivo desse trabalho é analisar a exposição de adolescentes no *Facebook* e suas implicações para a formação do *self* nessa faixa etária.

## **2. METODOLOGIA**

Esse estudo consiste numa revisão sistemática para a qual foi realizada inicialmente uma busca eletrônica nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia Brasil (BVS Psi), a partir dos seguintes descritores: “exposição”, “*Facebook*”, “adolescência”, “adolescentes”, “redes sociais”, “formação do *self*”. Além dos termos aplicou-se o operador booleano “AND” para a

combinação dos mesmos nas bases de dados. Posteriormente, o trabalho seguiu em duas etapas. Sendo a primeira, uma análise sobre os artigos que o integra, identificados através dos dados bibliométricos desta revisão, cujos elementos são: revista, qualis, referência, sub-área, variáveis associadas e conclusões. A segunda etapa, consistiu na análise dos resultados gerados pelo *software* Iramuteq.

Os critérios de inclusão para esta revisão sistemática consistiram em: (1) artigos que articulassem os temas: *Facebook*, adolescência, exposição e/ou formação do *self*; (2) estudos disponíveis na íntegra na base de dados online *SciELO*, *PePSIC* e *BVS Psi*; (3) estudos desenvolvidos pela área da psicologia; (4) Publicações em formato de artigo; (5) estudos publicados na língua portuguesa. Os critérios de exclusão foram: (1) publicações em formatos diferentes de artigos (teses, monografias, livros, anais etc.); (2) artigos duplicados e/ou não disponíveis na íntegra e (3) artigos não disponíveis em português. Para checagem dos mesmos foram analisados títulos, resumos, palavras-chave e métodos.

A segunda etapa seguiu-se com o auxílio do *software* Iramuteq (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires) (RATINAUD, 2009) para explorar o corpus textual formado pelos resultados e discussão dos artigos selecionados. O programa divide o corpus em seguimentos (contextos) e ocorrências (número de vezes que as palavras aparecem) (JUSTO; CAMARGO, 2014). Para proceder a análise, as técnicas utilizadas foram: a nuvem de palavras e a árvore de co-ocorrência, a fim de explorar as palavras em evidência a partir do corpus textual, que apresentou 1548 segmentos de texto (ST) e 54766 palavras (número de ocorrências).

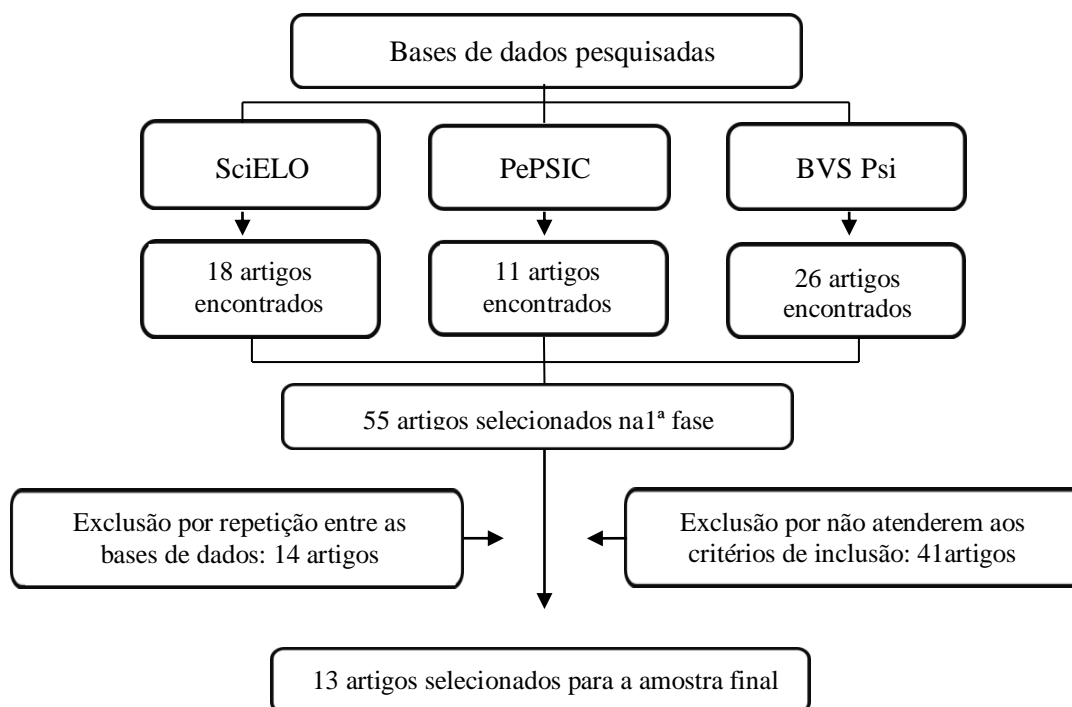
A nuvem de palavras gera uma representação gráfica do corpus textual que agrupa as palavras de acordo com a frequência e possibilita a visualização dos principais elementos do material. As palavras centralizadas e em negrito são as que aparecem com maior frequência. No que diz respeito à árvore de co-ocorrência, ela permite uma estruturação equilibrada do corpus, a partir da co-ocorrência de palavras em ST. Os resultados dessa análise são representados graficamente, demonstrando as relações entre os vocábulos do material textual e o conteúdo que se evidencia a partir do mesmo em relação ao objetivo dessa pesquisa (CAMARGO; JUSTO, 2013).

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A busca nas bases de dados *online* gerou um total de 55 artigos (*SciELO*: 18, *PePSIC*: 11, *BVS Psi*: 26). Dos 55 artigos foram excluídos 42 estudos, por repetição nas bases de dados ou não corresponder aos critérios de inclusão, resultando em 13 artigos que compuseram a amostra final desta revisão.



**Figural** – Fluxograma de identificação, seleção e inclusão dos estudos da revisão sistemática



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A Tabela 1 apresenta os resultados iniciais a partir da leitura dos artigos selecionados nessa revisão sistemática, demonstrando as características dos trabalhos encontrados sobre o tema, da identificação do periódico às conclusões observadas, permitindo uma aproximação e visualização das produções da psicologia sobre o tema.

**Tabela 1**-Dados Bibliométricos dos Artigos Revisados

Revista	Qualis	Referência	Sub-área	Variáveis associadas	Conclusões
Psicologia: ciência e profissão	A2	Dias et al. (2019)	Psicanálise	Adolescência/ riscos no ciberespaço/ ritos de passagem/ elaboração simbólica	Novos referentes simbólicos como marcadores da adolescência, engendrados pelas tecnologias digitais emergentes.
Psicologia & Sociedade	A2	EW et al. (2018)	Psicologia social	Facebook/ narrativas de si de adolescentes/ estratégias de sociabilidade/ interação	Novas formas de relacionamento no contexto cibernético, vinculadas a partir das relações de pertencimento, autoria e autenticidade.
Pensando Famílias	B3	Patias, Scorteganha	Psicologia social	Fatores de risco e proteção/ uso do	O Facebook é apontado como ferramenta que serve

		e Oliveira (2017)		<i>Facebook/</i> adolescentes	ao risco e a proteção do usuário, a depender do manejo, amigos e tempo dedicado à rede.
Estudos de Psicanálise	B2	Carvalho (2015)	Psicanálise	Adolescência/ <i>Facebook/</i> espaço potencial/ <i>ambiente/</i> subjetividade	A construção de um espaço potencial propicia a criticidade e a dependência relativa do adolescente, além de ser fundamental para a formação de sua subjetividade.
Contextos Clínicos	B1	Gomes e Caniato (2016)	Psicanálise	Adolescência/ <i>contemporaneidade/ Facebook/</i> processo relacional com o outro	A virtualidade é uma forma revolucionária de representação seguida por benefícios para seus utilizadores, mas é preciso preservar-se do seu uso excessivo, pois pode trazer consequências a formação subjetiva.
Psicologia USP	A2	Rosa, Santos e Faleiros (2016)	Psicologia social	<i>Facebook/</i> subjetividade/ <i>redes sociais/</i> interação real/ <i>virtual</i>	Há distinção entre as dimensões real e virtual em suas especificidades e diferenças no uso do <i>Facebook</i> , ao tempo em que, através das vivências subjetivas, cria-se uma extensão entre essas dimensões atenuando a suposta barreira entre ambas.
Jornal de Psicanálise	B4	Queiroga, Barone e Costa (2016)	Psicanálise	Formação das massas/ <i>redes sociais/</i> ideal do eu/ <i>grupo</i>	Os membros da massa aderem aos argumentos que fortalecem a ligação estabelecida entre eles, e a formação do eu ideal ocorre dentro de um processo interacional nas relações criadas em grupos nas redes sociais virtuais.
Bol. - Acad. Paul. Psicol.	B2	Rosa (2015)	Psicanálise	Estetização do <i>self/ Facebook/</i> negociação de identidades/ <i>subjetividades</i>	Existe um processo dialético de produção subjetiva entre os usuários do <i>Facebook</i> intermediado pela estetização do <i>self</i> e tornado público na contemporaneidade através do ciberespaço, delineando

					novos desafios para a psicologia contemporânea em seus diversos espaços de atuação.
Psicologia em estudo	A1	Marra e Rosa, Santos e Chagas-Ferreira (2016)	Psicanálise	Ciberespaço/ saúde mental/ subjetividade	Ampliação das formas de sociabilidade, aprendizagem e elaboração psíquica, acompanhada por exposições como inversão do tempo de produção e socialização e questões pertinentes a privacidade, originando desafios para os que atuam com saúde mental e com áreas afins à psicologia.
Arquivos Brasileiros de Psicologia	A2	Marra e Rosa e Santos (2014)	Psicologia social	Facebook/ interação real/ virtual/ negociação de identidades/ medo/ violência	Não há distinção entre as dimensões real e virtual para os usuários da rede, mas existe preocupação compartilhada, que os levam ao medo, inscrito na subjetividade, da exposição e da violência urbana gerando uma economia das informações compartilhadas aproximando assim, os planos real e virtual.
Psicologia em estudo	A1	Assunção e Matos (2014)	Psicologia social	Facebook/ adolescência/ interação/ público/ privado/ real/ virtual/ grupos	Os usuários distinguem as dimensões privada e pública da utilização da plataforma, utilizam a rede majoritariamente para atualização e comunicação com amigos e familiares e consideram mais fácil partilhar questões <i>online</i> , além de perceberem a amizade virtual como uma extensão da amizade no campo real.
Estudos de psicanálise	A4	França (2016)	Psicanálise	Adolescência/ conexões virtuais/ formação de vínculo/ espaço intermediário/	A presença da virtualidade é uma abertura a subjetivação contemporânea e permite novas conexões e

				elaboração psíquica/ formação subjetiva	transformações, promovendo espaço intermediário entre a constituição de si e a construção de um lugar no mundo, provocando o repensar das produções identitárias.
Interação em psicologia	A2	Rosado, Jager e Dias (2014)	Psicologia social	Adolescentes/ rede social/ tempo de uso/ internet/ conexão	Os adolescentes consideram as redes sociais um local de circulação de informações, sendo necessária cautela para navegar no ciberespaço. Há diferenças no tempo de uso das redes por estudantes de escolas públicas e privadas, além do seu uso ser voltado para a conexão com familiares e amigos conhecidos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Os artigos foram publicados em 11 periódicos distintos de Qualis considerados elevados entre A1 e B4. Distribuídos entre as seguintes sub-áreas da psicologia: psicanálise (7) e psicologia social (6). As variáveis associadas predominantes nos ensaios foram *Facebook*, adolescência, adolescente, rede social, interação, risco, identidade e subjetividade.

Segue-se com a disposição das análises *nuvem de palavras* e *árvore de co-ocorrência* resultantes do Iramuteq para discussão em consonância com a realização da leitura dos artigos, enfocando as aproximações com a temática definida para este estudo com destaque para as dimensões: 1) formação do *self* entre usuários adolescentes no *Facebook*; 2) riscos relacionados a exposição no *Facebook* e 3) adolescentes no campo do ciberespaço. Sendo as duas primeiras balizadas na *nuvem de palavras* e a terceira balizada na *árvore de co-ocorrência*.

Ao analisar a dimensão formação do *self* entre usuários adolescentes no *Facebook* na Figura 1, aparecem as seguintes palavras relativas a identidade na adolescência como mais relevantes: “indivíduo”, “adolescente”, “forma”, “processo”, “comunicação”, “relação”, “social” e “rede”. Tais palavras caracterizam parte da conjuntura que configura a fase da adolescência implicada no ciberespaço. Em seguida destacam-se palavras com sentidos complementares ao primeiro conjunto, localizadas as margens do centro da Figura 1, nomeadamente: “identidade”, “subjetividade”, “sentimento”, “elaboração”, “interação” e



As palavras “grupo”, “interação”, “elaboração” e “sentido” conjugadas na Figura 1, apontam para o que Turner compreende como níveis de constituição da identidade, evidenciando-se a comparação com outras pessoas dentro dos grupos com os quais o indivíduo se identifica e se relaciona (TURNER et al., 1987). Faz-se necessário destacar a variável “contexto” também demonstrada na nuvem de palavras, indicando que a identidade é passível de mudança na medida em que o contexto/ meio onde se está inserido é modificado.

As palavras representadas trazem uma ampla dimensão das variáveis que marcam e atravessam a identidade do adolescente conectado de um espectro mais abrangente, “rede”, a um espectro mais estrito, “subjetividade”, uma vez que o *self* se dá no espaço das interações discursivas entre o eu e o outro (EW et al., 2018).

Diante do exposto, o *Facebook* pode ser considerado um propulsor de sentidos sobre a adolescência e seus campos de subjetivação por representar através de possibilidades como articulação de imagens, referências e circulação de discursos e convite a exposição, a produção de afetos, sensações e elaboração, que reverbera no sentimento, no processo interativo e conseqüentemente na formação do *self* adolescente (EW et al., 2018).

Partindo para a segunda dimensão, riscos relacionados a exposição no *Facebook* ainda na Figura 1, os termos correspondentes a essa leitura encontram-se as margens da nuvem de palavras. São eles: “uso”, “imagem”, “conteúdo”, “massa”, “conflito”, “desamparo”, “violência”, “medo” e “risco”. Tais palavras apontam implicações que atravessam a conexão do adolescente no ciberespaço identificadas também através das *variáveis associadas* da Tabela 1 (MARRA E ROSA; SANTOS, 2014, PATIAS; SCORTEGANHA; OLIVEIRA, 2017, QUEIROGA; BARONE; COSTA, 2016).

As palavras “desamparo”, “violência”, “medo”, “conflito” e “risco” evidenciam o perigo que o adolescente pode encontrar no ciberespaço, enquanto as palavras “momento”, “interesse” e “conteúdo” indicam a influência que um usuário pode exercer sobre outro sob a condição de grupo. O trabalho de Patias, Scorteganha e Oliveira (2017) destaca alguns fatores de risco, como elementos que afetam a capacidade do indivíduo de superar eventos adversos atrelados ao ambiente do *Facebook*, a exemplo da: a) promoção de encontros reais através dos virtuais; b) não lidar com a reação espontânea da(s) pessoa(s) com quem se interage e c) espaço propício para críticas e *cyberbullying*, podendo o usuário estar anônimo na rede, por meio de perfis *fake* (falso) ou ser o alvo das ações. Essas variáveis revelam por um lado, uma exposição que pode gerar conflito e desamparo para o usuário e ao mesmo tempo uma porta de proteção/esconderijo diante da possibilidade de apresentar-se anonimamente.

Considerando as palavras “rede” e “efeito” na mesma figura, entende-se que a

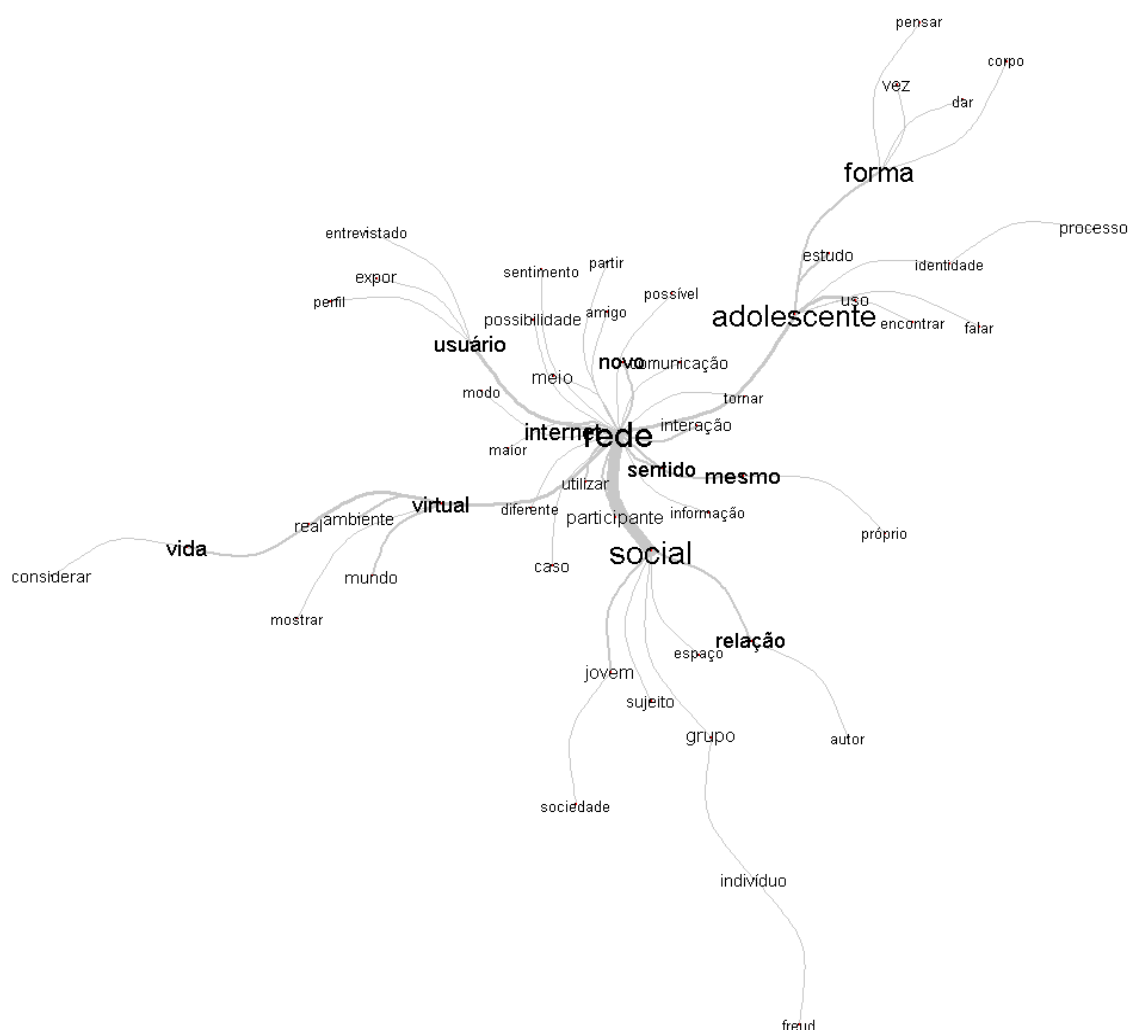
depende do uso, o *Facebook* pode assumir o lugar do outro e provocar a economia de investimento interpessoal, possibilitando diferentes experiências sensoriais por meio dos novos objetos tecnológicos, presentes no cotidiano, além de furta dos seus usuários as experiências sociais presenciais, tornando a linha imaginária entre o real e virtual cada vez menos perceptível (GOMES; CANIATO, 2016).

Por fim, o crescimento de grupos fechados no ciberespaço é outro componente das redes explorado nessa faixa etária ao se refletir sobre riscos, por muitas vezes ser fonte de conteúdos impróprios que incitam a agressão, discriminação, maltrato a pessoas, terror fictício e mesmo ideia suicida, ideias que podem ser alcançadas na Figura 1, por meio das palavras “risco”, “medo”, “desamparo” e “violência”. O aumento do uso dos aparelhos também abrange formas de contato, de “conteúdo” e conduta, que podem ser potencialmente nocivas acrescentando-se, além das referidas, o discurso de ódio, o aliciamento e a invasão de privacidade (DIAS et al., 2019).

Para corroborar o exposto, a TIC kids *Online* Brasil (2019) em sua última pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil, divulgou que 20% dos adolescentes usuários da rede admitiram ter se encontrado com pessoas que só conheciam pela internet e 8% dos entrevistados afirmaram que nos últimos 12 meses havia sido ofendido por alguém nas redes.

A excessiva exposição a conteúdos e propagandas a que estão submetidos os usuários desta plataforma, o contato com desconhecidos, a participação em grupos com conteúdos ofensivos e a preferência aos vínculos virtuais ao invés dos presenciais, soma-se a criação de modelos de identificação através de grupos e a criação de dependência a reação virtual, implicações estas que contemplam as palavras exploradas nessa dimensão (CARVALHO, 2015, GOMES; CANIATO, 2016, ROSA; SANTOS; FALEIROS, 2016).

Observados os termos mais proeminentes da nuvem de palavras, pode-se considerar que esses riscos aparecem para o adolescente ao passo que se expõe por tempo prolongado a rede, de acordo com o uso que se faz da mesma e considerando os encontros na plataforma do *Facebook*. Em outras palavras, quanto mais exposição em termos de tempo, grupos questionáveis e conteúdos impróprios, maiores serão as chances que o adolescente terá de se encontrar em condições de risco.



**Figura 2** – Árvore de co-ocorrências sobre adolescentes no *campo* do ciberespaço

Na terceira e última dimensão, adolescentes no campo do ciberespaço, observa-se que as palavras destacadas na *árvore de co-ocorrência* (Figura 2), compreendem as já mencionadas na Figura 1, no entanto, outras palavras ganham evidência. No sentido em que aparecem conjugadas, a palavra “rede” destaca-se como um dos vértices mais acentuados da árvore relacionando-se com as palavras “comunicação”, “forma”, “meio”, “adolescente” “possibilidade”, “interação”, nos vértices que ramificam no sentido superior; e “espaço” e “virtual”, nos vértices que ramificam na direção inferior, por meio dos quais nota-se que o espaço virtual é fator que baliza a formação do adolescente conectado, oferecendo-lhe um ambiente, para a troca de informações através da comunicação, atravessado pela elaboração de sentidos de cunho privado e coletivo, e também pelos conteúdos compartilhados (interação), no contexto social virtual frequentado por esse público (FRANÇA, 2016).



Na perspectiva correspondente as palavras “espaço”, “social”, “comunicação”, “possibilidade” e “rede” localizadas na Figura 2, o ciberespaço cria possibilidades concretas e simbólicas do sujeito experienciar-se e expressar-se na contemporaneidade, delineado pelas novas estratégias de sociabilidade. Através destas, amplia-se as formas de interação social e comunicação com os distantes (EW et al., 2018). Apresenta-se ainda como um espaço de oportunidade para a integração em grupos de identificação. Embora seja um ambiente com excesso de informações, pode ser um espaço de confiança que facilita a comunicação entre os mais tímidos (CARVALHO, 2015).

Além das palavras exploradas a partir do Iramuteq, vale acrescentar algumas considerações diante da leitura dos trabalhos apresentados na Tabela 1, que tocam em outras variáveis como a representatividade do virtual para o adolescente, a noção de pertencimento, a proximidade entre as esferas real e virtual e o *Facebook* como um lugar de escritura e empoderamento na rede.

No que se refere a representatividade virtual, é consonante a ideia de que o ciberespaço permeia todos os aspectos da comunicação atual e desvincula a presença social da presença física, ocupando um lugar de grande importância na vida cotidiana. Essa presença e abertura a subjetivação contemporânea permite novas conexões e transformações, promovendo espaço intermediário entre a constituição de si e a construção de um lugar no mundo, provocando novas produções identitárias (FRANÇA, 2016).

A noção de pertencimento na adolescência implica, por outro lado, o identificar-se com um grupo, criando uma espécie de categorização entre os participantes e os não participantes daquele, a partir das experiências de partilha, o que codua-se com a perspectiva de Turner nos conceitos *categorização* e *self* (REYNOLDS; TURNER, 2006).

Ao se deparar com a relação entre o mundo real e o virtual, os jovens usuários do *Facebook* consideram as duas esferas distintas, mas assumem que na vivência, cria-se uma espécie de continuidade entre as duas dimensões, diante da premissa de que, se o universo subjetivo é tão real quanto o objetivo, então a factualidade do mundo virtual pode ser considerada, uma vez que há recursos materiais que dão “corpo” as partilhas audiovisuais que ocorrem nos perfis e postagens que entram na rede. Além disso, há faculdades psíquicas implicadas nesse processo, vide a percepção, a memória e os sentimentos que ali encontram lugar e impactam a vida de quem se conecta (ROSA; SANTOS; FALEIROS, 2016).

Em consonância a aproximação entre real e virtual, diante das possíveis repercussões do *Facebook* no *self* de jovens usuários, a rede pode ser considerada como um lugar de escritura através de um processo dialético de produção subjetiva e elaboração psíquica, que abrange desde conflitos internos a situações difíceis do cotidiano e ocorre na possibilidade de partilha de situações como o luto ou simplesmente como um espaço de autoexpressão onde é permitido dizer de

dificuldades e conflitos, que serão reconhecidas, espelhadas e comentadas, proporcionando troca e possibilitando a elaboração através do trazer à tona (ROSA, 2015).

Por fim, a rede pode facultar aos usuários a noção do empoderamento. Esta, abrange “poderes” como o poder ver, o poder saber e o poder estar conectado; traduz-se como a capacidade de poder realizar coisas diferentes do que se produz fora do ciberespaço, beneficiando os usuários numa espécie de suporte emocional em contextos de crises típicas ou dificuldades como a timidez encontradas nessa fase vital para a formação do ser humano (MARRA E ROSA; SANTOS; CHAGAS-FERREIRA, 2016).

Ainda que diante da necessidade de autorreconhecimento e pertencimento integradas nessa fase de exploração, esse é um tempo marcado por iniciativas que se refletem na experimentação, exploração de limites e absorção de conteúdos (CARVALHO, 2015, EW et al., 2018, PATIAS; SCORTEGANHA; OLIVEIRA, 2017).

Através dos apontamentos indicados na exploração da leitura dos artigos e das análises recolhidas pelo Iramuteq, compreende-se que a identidade do adolescente parece organizar-se na relação com o diferente e no impacto produzido e reproduzido por meio das experiências. Em vista disso, a formação do *self* na adolescência vai além da singularidade do sujeito e toca em sua experiência coletiva, se caracterizando como intrinsecamente comunicacional, uma vez que o enunciado sempre se coloca para um destino e acaba por provocar a expansão do horizonte do adolescente para fomentar a inserção em grupo.

Diante disso, cria-se uma nova forma de organização social sem nenhum custo, benefício este que atrai como um ímã o público adolescente para as comunidades que giram em torno da rede, especialmente o *Facebook* que, como já mencionado tem índice de adesão crescente no Brasil e proporciona uma interação diferente daquela onde o que marca é a presença física, realidade esta que tem provocado interesse e preocupação crescente por parte dos pais, educadores e outros adultos envolvidos no processo de formação dos adolescentes (ROSA, 2015).

#### **4. CONCLUSÕES**

Mediante o exposto, compreende-se que as implicações oriundas da exposição do adolescente no *Facebook*, influenciadoras na formação do *self*, está atravessada por elementos diversos, a saber, pelo vínculo que se cria com o outro, pelas diferenças ou semelhanças que aparecem durante os processos de identificação, na transformação por meio das experiências, nas trocas, no contínuo entre o real e o virtual, no tempo gasto na rede ou nos conflitos internos provocados por aspectos biológicos próprios da fase. Esses elementos além de impactarem o processo formativo traz à reflexão a complexidade que circunda essa fase.

As possíveis implicações não são apontadas de um ponto de vista estático na Tabela 1 e nas Figuras 1 e 2, mas como processo circulado por muitas variáveis, conferindo-nos um vislumbre desses efeitos, com maior ou menor conexão, mas que trazem implicações consideráveis para a identidade na juventude. Destacando-se elementos como: a esquivas das interações presenciais num movimento de economia do investimento interpessoal, tempo prolongado no ciberespaço, indução a participação em grupo, excesso de informação e conteúdo, comportamento de agressividade ou passividade através das redes criadas no ciberespaço.

Falar sobre essas implicações na formação do adolescente implica considerar que há fatores físicos, emocionais, sociais e culturais que interagem entre si, gerando esses impactos na formação. Diante da referência à preocupação dos pais e educadores de adolescentes, a monitoria parental e/ou das pessoas que participam do processo formativo nessa fase, é essencial incentivar uma espaço de confiança para dialogar com o adolescente sobre formas de uso da rede, a fim de dirimir esses possíveis impactos, com políticas de educação nas escolas para o ambiente virtual, que promovam a integração entre professores e alunos e incentive uma comunicação mais reflexiva sobre o uso sistematizado das redes sociais e do espaço cibernético como um todo.

A partir disso, pode-se pensar em futuras investigações que se debruçam sobre as variáveis apresentadas, considerando elementos que não foram contemplados nessa revisão; como sondar as percepções acerca do uso dessa rede social entre os adolescentes e em outras faixas etárias, com o intuito de compreender, que contruções e repercussões há para a identidade dos diversos públicos imersos na rede, como também que narrativas essa mudança de paradigma na comunicação atual têm se produzido pelos adolescentes e seus impactos para a sua formação ou ainda as repercussões da responsabilização assumida por crianças pela produção de conteúdo nas redes.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, J. P.; LAND, D. Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), **Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications** (p. 319–335). The Guilford Press, 1999.

ARAÚJO, B. P. Redes sociais na Internet e novas formas de sociabilidade: um estudo do Facebook. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 13, Chapecó-SC. Anais... Chapecó: **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2012. p.1-13. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1239-1.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

ASSUNÇÃO, R. S.; MATOS, P. M. Perspetivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 539-547, Sept. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722014000300018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722014000300018&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 02 out. 2020.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo: Cortez, 1990.

CAMARGO, B. V., & JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, 21, 2013, p. 513-518. Camargo, B. V., & Justo, A. M. 2016. Tutorial para uso do software IRAMUTEQ. Disponível em: Tutorial%20IRaMuTeQ%20em%20portugues\_17.03.2016.pdf.

CARVALHO, A. G. Adolescentes e *Facebook*: do espaço potencial e ambiente suficientemente bom à possibilidade de brincar na rede. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 44, p. 91–100, dez, 2015.

CRUZ, E. P. Brasil tem 24,3 milhões de crianças e adolescentes que usam internet: Número equivale a 86% das pessoas entre 9 e 17 anos, diz pesquisa. **Agência Brasil** - São Paulo: Fábio Massalli, 17 set. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-09/brasil-tem-243-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-utilizando-internet>. Acesso em: 12 nov. 2020.

DIAS, V. C. et al. Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem? **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, 2019, v. 39, e179048. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932019000100109&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000100109&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 jan. 2021.

EW, R. de A. S. et al. (2018). Mídias sociais: construção de narrativas de si de adolescentes. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 30, e169654. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822018000100211&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100211&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FRANÇA, R. M. P. O adolescente na rede e a rede no adolescente: reflexões sobre as conexões virtuais e suas incidências na subjetividade. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, 2016, n. 45, p. 139-144. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372016000100014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372016000100014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 19 jan. 2021.

GOMES, V. R. R.; CANIATO, Â. Adolescentes na contemporaneidade: desdobramentos subjetivos do (des)investimento no virtual. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, 2016, v. 9, n. 1, p. 133-146, jun. 2016. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-34822016000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822016000100013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 01 dez. 2020.

JUSTO, A. M.; CAMARGO, B. V. Estudos qualitativos e o uso de softwares para análises lexicais. *In*: NOVIKOFF, C.; SANTOS, S. R. M.; MITHIDIARI, O. B. (Orgs.) **Caderno de artigos: X SIAT & II Serpro**: Duque de Caxias, RJ, 2014, p. 37-54. Duque de Caxias: Universidade do Grande Rio.

KIRKPATRICK, D. **O efeito Facebook**: os bastidores da história da empresa que mais conecta o mundo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LIMA, N. L de. et al. Os adolescentes na rede: uma reflexão sobre as comunidades virtuais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, 2012, v. 64, n. 3, dez. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org>>. Acesso em: 11 de out. de 2020.

MARRA E ROSA, G. A.; SANTOS, B. R.; CHAGAS-FERREIRA, J. F. Uma Cartografia das Repercussões das Redes Sociais na Subjetividade. **Psicologia em Estudo**, Brasília, 21(2), 2016.

MEEUS, W & DEKOVIC', M. Identity development, parental and peer support: Results of national Dutch survey. **Adolescence**, 30, 1995, p. 931-944.

NEVES, k. S. S. M. et al. Da infância à adolescência: o uso indiscriminado das redes sociais. **Revista ambiente acadêmico**, 2015, vol.1, nº 2.

PATIAS, N. D.; SCORTEGANHA, E. N.; OLIVEIRA, C. R. de. Fatores de risco e de proteção no uso do *Facebook* por adolescentes: uma revisão narrativa. **Pensando fam.**, Porto Alegre, 2017, v. 21, n. 2, p. 3-14, dez. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2017000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 18 jan. 2021.

QUEIROGA, C. S.; BARONE, L. M. C.; COSTA, B. H. R. Uma breve reflexão sobre a formação das massas nas redes sociais e a busca por um novo ideal do eu. **Jornal de Psicanálise**, 49(91), 2016, p. 111-126.

RATINAUD, P. IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires, **Computer software**, 2009. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org>>.

ROSA, G. A. M. Estetização do *self* e elaboração psíquica: repercussões das redes sociais na subjetividade. **Paulista de Psicologia**, São Paulo, 35 (89), 2015, p. 424-440.

ROSA, G. A. M.; SANTOS, B. R.; FALEIROS, V. P. Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do *Facebook*. **Psicologia USP**, 27 (2), 2016, p. 263-272.

ROSADO, J. S.; JAGER, M. E.; DIAS, A. C. G. Padrões de Uso e Motivos para Envolvimento em Redes Sociais Virtuais na Adolescência. **Interação Psicol.**, Curitiba, 2014, v. 18, n. 1, p. 13-23. Disponível em: <Interação Psicol., Curitiba, v. 18, n. 1, p. 13-23, jan./abr. 2014 >. Acesso em: 05 fev. 2021.

REYNOLDS, K.J.; TURNER, J.C. Individuality and the prejudiced personality. **European Review of Social Psychology**, 17, 2006, p. 233-270. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/10463280601050880>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

SANTOS, F. C.; CYPRIANO, C. P. Redes sociais, redes de sociabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 29 (85), 2014.

TANKOVSKA, H. Facebook: number of daily active users worldwide 2011-2021. **Statista**, 2021. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/346167/facebook-global-dau/>>. Acesso em: 23 mai. 2021.

TIC Kids Online Brasil: Crianças e adolescentes, por dispositivos utilizados para acessar a internet. **Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação**, 2019. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/tics/kidsonline/2019/criancas/A1/>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

TURNER, J. et al. **Rediscovering the social group**: a self-categorization theory. Cambridge, Massachusetts: Basil Blackwell, 1987.

VALENTE, J. Brasil tem 134 milhões de usuários de internet. **Agência Brasil**, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em: 23 nov. 2020.